

Futebol, memória e cultura - uma análise de narrativas da imprensa esportiva durante a Copa de 1950: a rivalidade se amplia

Palavras-chave: história, memória, futebol, Copa do Mundo

Márcio de Oliveira Guerra

Ricardo Bedendo

Christiane Bara Paschoalino

Universidade Federal de Juiz de Fora – Faculdade de Comunicação Social –
Grupo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)

Nesta etapa da nossa pesquisa, passamos a observar a conduta dos dois jornais durante a realização da Copa do Mundo de 1950. Se antes já eram visíveis as diferentes condutas editoriais, a partir do momento em que a bola rolou, elas afloraram ainda mais. Na edição 614, do O Globo Sportivo, a reportagem que retrata a vitória de 4 a 0 na estreia da competição contra o México destaca, logo na abertura, o “pessimismo”, em boa parte, estimulado pelas rivalidades “clubísticas”.

E esse pessimismo, já tão conhecido de todos, por ocasião da fase de organização de scratches, já que os torcedores que não vêem nos jogadores escolhidos pelo técnico acham que tudo está perdido, permaneceu em boa parte até a hora da estréia diante dos mexicanos. Ninguém tinha dúvida que os astecas eram fracos, mas ainda assim não faltou quem comparecesse ao Maracanã preparado até mesmo para a derrota do Brasil – **Tal era o derrotismo que o “clubismo”, em boa parte, e os últimos acontecimentos técnicos, acima de tudo, lhes plantava na mente.** (O GLOBO SPORTIVO, edição 614, p.3, grifos nossos)

Ainda nesta mesma reportagem, outro trecho nos chamou a atenção. O texto afirma que esse “pessimismo exagerado” não se justificava e estava perdendo força, embora o autor deixasse claro que ainda não era possível considerar a seleção brasileira como favorita ao título, mas que já era possível compará-la com as melhores equipes

que disputavam o Mundial de 1950. “Apontá-los, sem pestanejar, como os mais fortes candidatos ao título de campeões mundiais seria fanatismo ou ingenuidade; mas considerá-los num nível técnico mais ou menos idêntico aos melhores teams que ora aqui estão é razoável e justo” (O GLOBO SPORTIVO, edição 614, p.3).

E por essa análise, a matéria aponta a “fácil vitória” contra os astecas e reforça o recado para que os pessimistas passem a olhar com outros olhos a nossa Seleção. “E isto porque, sem se exhibir com brilhantismo, o scratch fez-se merecedor de crédito com uma fácil vitória sobre um team que, embora reconhecidamente fraco, seria o vitorioso **se o nosso team refletisse o pessimismo que já vai perdendo razão para existir**” (O GLOBO SPORTIVO, edição 614, p.3, grifo nosso).

E, em um contraponto interessante, o Mundo Esportivo, na edição que também realça a estreia brasileira, Wilbrá coloca em relevo na sua coluna um título que sugere novamente o tom crítico ao técnico Flávio Costa e, ao mesmo tempo, um certo reconhecimento de algumas qualidades do Brasil: “**Apesar dos erros do técnico:** Poderemos ser campeões!” (MUNDO ESPORTIVO, edição 201, p.3, grifo nosso). E logo no começo do seu texto, o jornalista se utiliza de uma expressão que podemos traduzir como um suspiro de alívio diante do resultado na primeira partida: “**Graças a Deus**, a primeira etapa foi vencida sem tropeços ” (MUNDO ESPORTIVO, edição 201, p.3, grifo nosso). Por esse discurso, apesar de não falar em vitória fácil, Wilbrá também reconhece que o pessimismo começa a dar lugar ao sentimento de que o selecionado brasileiro pode conquistar a Copa do Mundo.

Já não existe tanta desconfiança, nem tanto temor. Há fé no triunfo final que representará a maior conquista do Brasil no campo esportivo, em todos os tempos. Está sendo tragado pelo entusiasmo reinante no momento, o pessimismo que dominava os brasileiros (MUNDO ESPORTIVO, edição 201, p.3, grifo nosso).

Um outro eixo das narrativas da imprensa nas análises sobre a Copa do Mundo, que deixava transparecer também opiniões editoriais marcantes, foi o relacionado ao apontamento dos favoritos. O Globo Sportivo, por meio do jornalista Albert Laurence, fez uma série de prognósticos sobre os candidatos à conquista do campeonato mundial no Brasil. Laurence destaca a responsabilidade dos brasileiros em ter um bom desempenho, chegando ao ponto de dizer que seria um “dever” que a

Seleção fosse campeã. Ele relaciona os seguintes países como candidatos ao título, dividindo-os em categorias: “Favorito- Brasil; Outros candidatos `sérios` à vitória: Inglaterra, México, Chile, Estados Unidos, Suíça e Bolívia” (O GLOBO SPORTIVO, edição 614, p.4).

Interessante observar, ainda nesta crônica de previsões, que seu autor reserva justamente para os uruguaiois um comentário à parte. Embora elogie a seleção uruguaia, não a insere como favorita, mas não descarta a possibilidade de, no confronto com o Brasil, oferecerem dificuldade. “[...] mas será para eles, tão difícil vencer os brasileiros no Rio quanto foi nos últimos jogos da Taça Rio Branco, apesar do grande valor dos veteranos Obdúlio Varela e Máspoli?” (O GLOBO SPORTIVO, edição 614, p.4).

Já o Mundo Sportivo mantém a sua linha de destaque para a seleção italiana. O editorial da edição 201 é dedicado à opinião sobre a derrota dos italianos na estreia por 3 a 2 para a Suécia. O título “Ainda não se pode julgar a Itália” convida o leitor a refletir sobre o que teria sido “um dia sumamente infeliz”. Nas linhas que se seguem, o editorial sublinha que “aliás, nós, sinceramente, não cremos que seu futebol seja somente aquilo que foi visto na estreia [...] voltando, porém a análise anterior quem sabe o fracasso não teria como origem um simples desastre, um simples acidente?” (MUNDO ESPORTIVO, edição 201, p.2).

Essas duas edições dos semanários em análise trouxeram, ainda, as avaliações do segundo jogo do Brasil no torneio. O empate contra a Suíça, em 2 a 2, no Pacaembu, foi tema para o ressurgimento de alguns discursos que remetiam o torcedor à lembrança do pessimismo e das rivalidades entre paulistas e cariocas.

Na página seis, com o título “Tropeço Amargo” e um subtítulo “foram os suíços um obstáculo inesperado”, a reportagem do O Globo Sportivo atribui o resultado, em especial, à tática defensiva dos suíços.

Os nossos rivais escolheram a tática que mais lhe interessou. Cuidaram da defensiva. Sabiam que para obter um resultado favorável, teriam que atuar cuidando da retaguarda e atacar isoladamente quando assim seria possível. Os suíços traçaram o plano e executaram a contento (O GLOBO SPORTIVO, edição 614, p.6, grifo nosso).

O contraponto de opiniões, aparece na coluna assinada por Odilon Braz, na edição do paulista Mundo Esportivo. A manchete “Descontrole e confusão dominaram os brasileiros” (MUNDO ESPORTIVO, edição 201, p.7) nos induz a uma leitura diferente da sugerida pelo O Globo Sportivo. Numa narrativa bem crítica, o jornalista deixa transparecer em seu texto um duro julgamento, inclusive sobre a partida de estreia da seleção brasileira:

A má atuação do quadro nacional foi além da expectativa. Sabíamos que, sem Jair, sem Zizinho, com o ataque improvisado, nem sequer chegaríamos ao nível da partida de estreia, que, diga-se de passagem, foi apenas sofrível. Esperávamos, entretanto, que mesmo assim chegassemos ao triunfo, o qual dependia apenas do esforço e do entusiasmo dos jogadores, uma vez que o adversário não dispõe de recursos técnicos capazes de justificar a menor veleidade de vitória no campeonato. **Como nos enganamos!**” (MUNDO ESPORTIVO, edição 201, p.7, grifos nossos).

Diante da sequência dos resultados da Seleção no campeonato, as descrições e opiniões dessa parcela da imprensa esportiva dão ainda mais ênfase à escalação do time e, conseqüentemente, abrem novos espaços para os comentários sobre as “disputas” fora de campo, sempre tendo o técnico Flávio Costa como alvo principal.

Na edição 615, O Globo Sportivo coloca na capa o título: “O turno final: Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai”. A seleção brasileira tem sua classificação para essa etapa decisiva do Mundial focada a partir da página oito. Um trecho do texto, aliás, faz elogios à equipe levada a campo pelo treinador, na partida contra a Iugoslávia, vencida pelos brasileiros por 2 a 0.

Assim foi que **Flávio Costa reuniu para o jogo os maiores valores da nossa seleção**, incluindo Bauer, Barbosa, Augusto, Danilo, Zizinho, Chico, Jair, que, é bom que saibam os críticos contumazes, não estavam em boas condições físicas. Compenetrados da responsabilidade de que lhes pesava, todos eles fizeram o possível e quase o impossível, conseguindo uma vitória que, entre outros méritos, terá o de empurrar **para o esquecimento os ataques e comentários furiosos de que foi alvo o técnico.** (O GLOBO SPORTIVO, edição 615, p.8, grifos nossos)

Por outro lado, o Mundo Esportivo, apresenta em seu editorial a chamada “Que faz Adãozinho?”. A opinião, mais uma vez, está centralizada no nosso treinador,

apontando-o quase como um vilão do grupo, ao mesmo tempo que é nítida a exaltação dos valores das demais equipes finalistas.

Mundo Esportivo focalizou sempre com máximo interesse os problemas técnicos do selecionado brasileiro. Quem se deu ao trabalho de percorrer, semanalmente, terá observado que jamais nos faltou animo para combater os erros do técnico. **Ainda hoje estamos convictos de que Flavio é o nosso maior perigo.** Sabemos que os suecos lutarão com destemor pelo título. Ninguém desconhece a admirável fibra do onze espanhol. E os uruguaiois, senhores de futebol veloz, profundamente científico, são eternos rivais de categoria. **Mas tudo isso não causa tanto pavor como a teimosia do preparador** (MUNDO ESPORTIVO, edição 202, p.2, grifos nossos)

Na continuidade do discurso mais otimista, a matéria do O Globo Sportivo, de Ricardo Serran, eleva o comportamento dos torcedores brasileiros na partida frente a Iugoslávia.

E o estádio, o imenso estádio, deu, pela primeira vez, a impressão de pequeno, de insuficiência, diminuído por uma multidão que cobria por completo os seus quilômetros de cimento armado – cento e cinquenta mil pessoas agitadas pelo mesmo nervosismo que a importância da partida provocava, e unidas pelo mesmo desejo e entusiasmo à vitória (O GLOBO SPORTIVO, edição 615, p.9)

Mais ainda, Serran toca na questão do bairrismo.

Não nos recordamos de uma torcida mais coesa, mais consciente, do que valia; transparecia na massa em geral, em cada espectador, em particular, **o sadio esquecimento das discordâncias clubísticas, as mesquinhas e ridículas rivalidades bairristas;** ninguém era Flamengo ou Vasco, mineiro, carioca ou paulista: todos eram brasileiros que queriam ver vitorioso o football brasileiro (O GLOBO SPORTIVO, edição 615, p.9, grifo nosso)

Enquanto isso, o editorial do Mundo Esportivo mantinha uma certa esperança na conquista, mas não aliviava nas críticas: “E se Deus quiser, triunfaremos! Nesta hora, **Flavio é uma insignificancia** ante o paralelo ressonante do titulo” (MUNDO ESPORTIVO, edição 202, p.2, grifo nosso). Logo ao lado, a coluna “Erros e Falhas”

também dá destaque à “teimosia” do “comandante” do Brasil. “Maneca, que foi mal em todos, continua gosando da confiança do tecnico, e **essa teimosia**, com um jogador tão estranho à missão que lhe tem sido confiada, **poderá levar-nos a resultados comprometedores**” (MUNDO ESPORTIVO, edição 202, p.2, grifos nossos).

Na mesma edição, uma coluna recebeu o título “Assim não vai...” para frisar outro “problema” na escalação brasileira: o carioca, atleta do Vasco da Gama, Augusto.

Temos dito, e repetido, que **Flavio Costa tem a mania dos medalhões**. É por isso que conserva Augusto no quadro nacional. **O zagueiro vascaíno já teve seus dias na seleção**. [...] mas, com a presença de Augusto na area, o perigo permanece. É preciso que o tecnico cuide deste ponto, porque estamos em risco. [...] **A menos que haja acentuada melhoria de Augusto, poderemos perder a Copa do Mundo por causa de uma 'burrada' sua** (MUNDO ESPORTIVO, edição 202, p.6, grifos nossos).

Com a classificação da nossa seleção para a grande final do Mundial, depois da entusiasmada vitória contra a Espanha, por 6 a 1, o Mundo Esportivo trouxe, em sua capa, às vésperas do jogo decisivo, uma fotografia do paulista Bauer, com a manchete: “Empatando com o Uruguai seremos campeões” (MUNDO ESPORTIVO, edição 203, p.1). A legenda explicita a aposta desses representantes da imprensa de São Paulo no atleta.

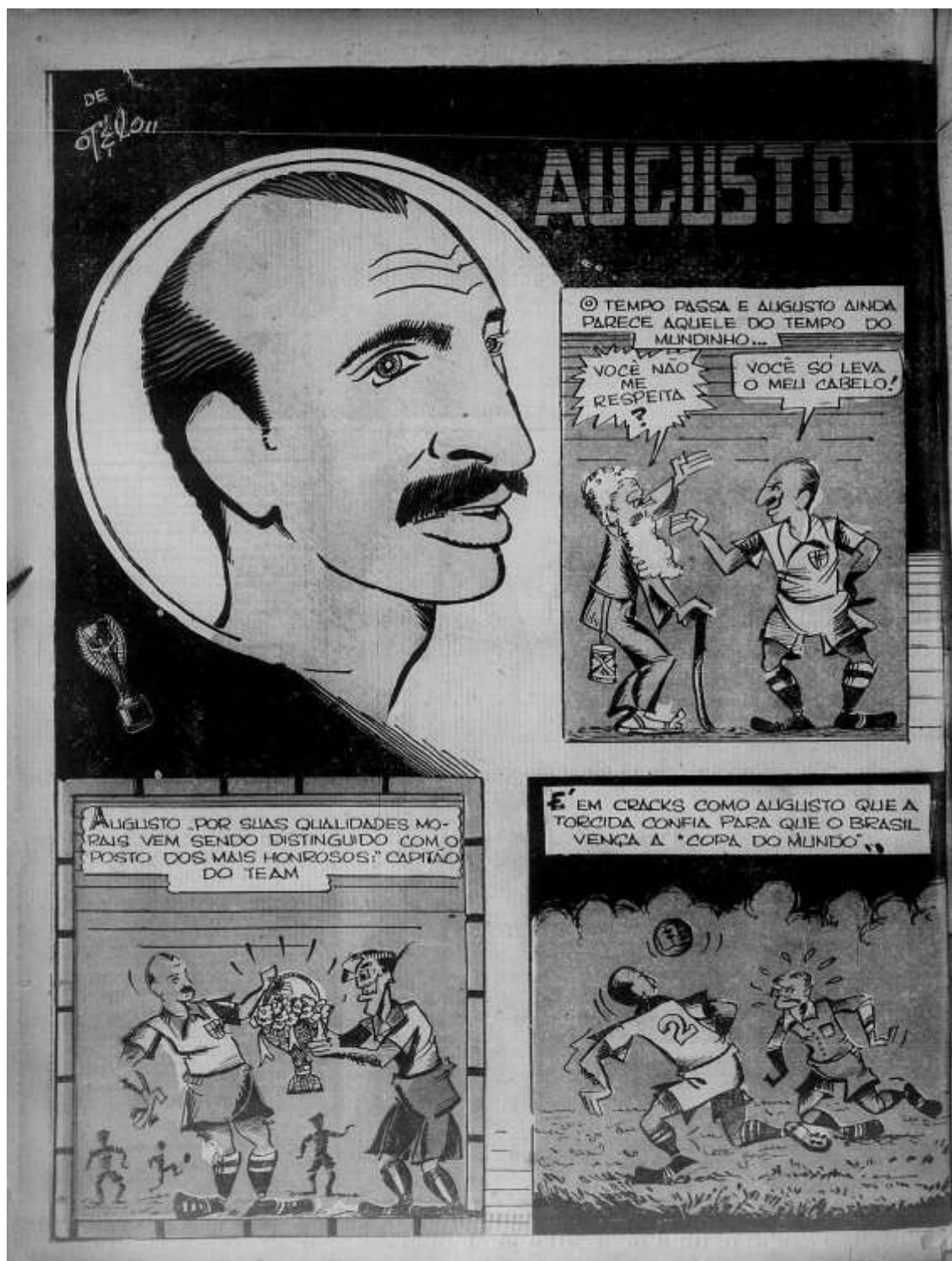
Bauer teve algumas atuações, nos treinos, que não convenceram plenamente. Esteve até ameaçado de ser barrado. No entanto, o **valeroso medio paulista** se firmou logo e **fez alarde da sua extraordinária classe**, o que lhe valeu para ser considerado por todos uma das maiores figuras da Seleção do Brasil (MUNDO ESPORTIVO, edição 203, p.1, grifos nossos).

É interessante perceber como o discurso do editorial dessa edição reconhece que “já não reina tanto pessimismo”, mas ainda se mostra resistente à crença total à conquista e, principalmente, expõe, de maneira transparente, o bairrismo:

se vencemos, **coisa que ainda está difícil**, mas não absolutamente improvável, será com o mais caloroso entusiasmo que receberemos o triunfo. **São Paulo demonstrará, ainda uma vez, que mesmo colocado quase à margem pela orientação errônea do tecnico, o que mais lhe importa é o Brasil**. [...] **Flavio seria**, então, apenas um **pesadelo que atormentou** antes de uma noite gloriosa (MUNDO ESPORTIVO, edição 203, p.2, grifos nossos)

Essa aparente, mas desconfiada, motivação com a vitória brasileira se refletiu ainda mais na reportagem de Wilson Bras, que ganhou duas páginas, com o título em letras “garrafais”: “Vamos, Brasil”. A narrativa começa com a assertiva de que “ o Brasil tornou-se, agora, um candidato dêsses que tomam conta das preferencias do povo” (MUNDO ESPORTIVO, edição 203, p.8). E o que chama a atenção é a quase certeza de que “tudo se transformou. O ambiente é, hoje, de absoluta confiança. Não há mais aquele desespero que em muitos momentos chegou a ser ruinoso” (MUNDO ESPORTIVO, edição 203, p.8). A matéria faz, então, uma pergunta ao leitor que resume o espírito do jornalista naquele momento: “alguém pode conceber que o Brasil não marcha como soberano, no campeonato do mundo?” (MUNDO ESPORTIVO, edição 203, p.8).

Numa perspectiva editorial ainda mais favorável, mantendo a sua linha de maior confiança ao trabalho, em especial do técnico, O Globo Sportivo, exatamente ao contrário do que havia feito o semanário paulista há poucos dias, publica uma pequena história em quadrinhos como forma de exaltar a performance do zagueiro Augusto e a confiança no título.



Todas essas percepções e impressões de parte do jornalismo esportivo praticado nessa ocasião nos remetem a pensar sobre questões socioculturais e, ao mesmo tempo, de formação profissional jornalística, como por exemplo a questão tão debatida do bairrismo. São atitudes e sentimentos que, certamente, nos auxiliam na compreensão do presente, mais significativamente nesse momento no qual se aproxima a segunda Copa do Mundo no nosso país. A análise do integrantes do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC) da

Faculdade de Comunicação Social da UFJF apresenta um recorte que, obviamente, é sugestivo a investigações mais profundas. O terceiro e último artigo dessa série, traz, portanto, mais alguns aspectos cognitivos, dessa vez dos momentos que sucederam a final contra o Uruguai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUNDO ESPORTIVO. Edição 201, de 29 de junho de 1950. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>; acesso em 09/02/2014.

MUNDO ESPORTIVO. Edição 202, de 07 de julho de 1950. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>; acesso em 09/02/2014.

MUNDO ESPORTIVO. Edição 203, de 14 de julho de 1950. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>; acesso em 09/02/2014.

O GLOBO SPORTIVO. Edição 614, de 30 de junho de 1950. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>; acesso em 09/02/2014.

O GLOBO SPORTIVO. Edição 615, de 07 de julho de 1950. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>; acesso em 09/02/2014.

O GLOBO SPORTIVO. Edição 616, de 14 de julho de 1950. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>; acesso em 09/02/2014.